

# Diferenças entre Ensino Presencial e Virtual: Percepções de Estudantes da Graduação

## *Graduation Students' Perceptions on the Differences between Live and Virtual teaching*

ISSN 2177-8310  
DOI: 10.18264/eadf.v11i2.1552

Derli Juliano Neuenfeldt<sup>1\*</sup>  
Raquel Cristina Michel<sup>1</sup>  
Rogério José Schuck<sup>1</sup>  
Adriano Edo Neuenfeldt<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Taquari  
Univates. Av. Avelino Talini, 171, Bairro  
Universitário, Lajeado – RS - Brasil.

\*[derlijul@univates.br](mailto:derlijul@univates.br)

### Resumo

Este artigo analisa percepções de estudantes de graduação da modalidade presencial, quanto às diferenças em relação ao ensino virtualizado síncrono, experimentado em 2020. A pesquisa, que ocorreu numa Instituição de Ensino Superior do RS/BRA, caracteriza-se como qualitativa e descritiva. A coleta de informações foi realizada por meio de um questionário elaborado no *Google Forms*, respondido por 245 estudantes. Constatou-se, segundo as percepções dos estudantes, que, no ensino virtualizado, há ganho de tempo, visto que não é necessário o deslocamento até a instituição para participar das aulas, mas permanecem problemas substanciais em relação ao espaço físico adequado e à conexão à internet. O estudo pode ser realizado no conforto do lar, com maior disponibilidade dos professores para sanar dúvidas, por meio de recursos digitais. Foram percebidas facilidades relativas à participação (virtual) de profissionais que se dispõem a dialogar com os alunos, trazendo relatos de experiências. Percebeu-se também maior aprendizagem a respeito do uso das tecnologias digitais. Nas respostas dos formulários os estudantes, destacaram que no ensino presencial há maior interação com o professor e mais facilidade em se concentrar nas aulas. Ressaltaram ainda que a aprendizagem nas aulas práticas é essencial para a formação profissional e que elas não podem ser substituídas por aulas virtuais. Conclui-se que tanto o ensino virtual quanto o presencial apresentam pontos positivos para os processos de ensino e de aprendizagem. Dessa forma, o ensino híbrido pode ser considerado um caminho válido para o Ensino Superior, agregando o que há de melhor no ensino presencial e no ensino virtual.

**Palavras-chave:** Ensino superior. Ensino híbrido. Aulas virtuais. Covid-19.



Recebido 14/07/2021  
Aceito 15/10/2021  
Publicado 22/10/2021

### COMO CITAR ESTE ARTIGO

**ABNT:** NEUENFELDT, D. J. *et al.* Diferenças entre Ensino Presencial e Virtual: Percepções de Estudantes da Graduação. *EaD em Foco*, v. 11, n. 2, e1552, 2021. <https://doi.org/10.18264/eadf.v11i2.1552>

## Graduation Students' Perceptions on the Differences between Live and Virtual teaching

### Abstract

*This paper analyzed the perception from undergraduate students of the live modality over the differences related to virtualized synchronous teaching experienced throughout 2020. The investigation is both qualitative and descriptive, and it occurred in an institution of High Education in RS/Brazil. The data was collected through a questionnaire organized in Google Forms, which was answered by 245 students. Regarding students' perceptions, it was possible to determine that, in virtualized teaching, it is not necessary to waste time traveling to the institution to have classes: students can study in the comfort of their own homes. There are, however, some issues, such as not finding an appropriate place to study or not having access to a stable internet connection. Virtualized synchronous classes make it possible for students to learn from the comfort of their own homes. Educators become more available to offer help by using digital resources. It also became easier for other professionals to dialogue and share experiences with the students. It was possible, as well, to learn how to make better use of digital resources. However, in the questionnaire, students highlighted there is more interaction with the lecturer in live teaching. Furthermore, the students found it easier to concentrate during classes when being there in person. Besides, according to the answers, the learning that occurs in practical lessons is essential to professional training, and these cannot easily be replaced in a virtualized environment. In conclusion, both virtual and live teaching present positive aspects regarding the processes of learning and teaching. Therefore, by using the best of what live and virtual teaching can offer, hybrid teaching is a valid and possible way to perform High Education.*

**Keywords:** High education. Hybrid education. Virtual classes. Covid-19

## 1. Introdução

O ano de 2020 foi marcado pelo início de um grande desafio sanitário de ordem global: a pandemia causada pelo vírus Sars-Cov-2 (Covid-19). O Brasil teve o primeiro caso confirmado em 26 de fevereiro de 2020, enquanto a pandemia foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020. Com elevada infectividade (KUCHARSKI *et al.*, 2020), a Covid-19 gerou grande preocupação quanto aos cuidados necessários para evitar sua difusão, principalmente devido à inexistência, naquele momento, de uma vacina preventiva ou de um tratamento específico para a doença. Dessa forma, as medidas sanitárias adotadas seguiram a linha da prevenção. Entre as recomendações da Organização Mundial da Saúde - OMS (WHO, 2020) destacam-se: distanciar-se socialmente, evitando aglomeração de pessoas; não estabelecer contato físico, nem compartilhar objetos; fazer o uso de máscaras; higienizar frequentemente as mãos e limpar regularmente ambientes e superfícies.

No Brasil, foram adotadas diversas medidas por estados e municípios. Entre as principais estavam o cancelamento de atividades presenciais em escolas e universidades, o fechamento ou a limitação de pessoas atendidas simultaneamente em estabelecimentos comerciais, a recomendação de trabalho *home office* e o fechamento ou restrições quanto à presença e a circulação de pessoas em espaços públicos, tais como praças e parques. Consequentemente, a pandemia afetou a rotina de todos, causando grande impacto no ensino formal, que precisou se reinventar. Esse cenário estendeu-se ao longo de 2021, em razão do aumento do número de infectados e de mortes.

Muitas universidades deram continuidade às aulas de forma virtualizada, utilizando Tecnologias de Informação e Comunicação (TDIC) e Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), tais como o *Moodle* ou *Google Classroom*, conforme evidenciado por Neuenfeldt *et al.* (2021), que investigaram as práticas pedagógicas desenvolvidas no Ensino Superior durante o período de pandemia pela Covid-19. Além do uso de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), de acordo com Nhantumbo (2020), o *WhatsApp*, aplicativo que já fazia parte do cotidiano de alunos e professores, também se tornou um recurso digital importante para o desenvolvimento das aulas remotas. Ele demandou pouca necessidade de formação para seu uso no compartilhamento de informações e possibilitou a interação social entre professores e estudantes.

No Ensino Superior, a legislação brasileira autorizou, num mesmo currículo, aulas presenciais e Educação a Distância (EaD). Atualmente, nos cursos presenciais, pode-se ter até 40% da carga horária a distância e, nos cursos a distância, até 30% da carga horária presencial (BRASIL, 2019). Contudo, frente ao contexto de crescimento do número de casos de infectados pela Covid-19, houve a necessidade de as aulas presenciais serem ministradas totalmente a distância durante 2020 (BRASIL, 2020) e, em 2021, iniciou-se o processo gradual de retorno à presencialidade.

Esse esclarecimento é necessário para tomarmos ciência do impacto que a pandemia causou no ensino. Ela rompeu com normativas legais, em especial, referentes ao ensino presencial, que também passa a ser virtualizado. As fronteiras entre ensino presencial e EaD não são mais tão nítidas, pois se permitiu que o ensino presencial ampliasse o tempo de ensino não presencial. A pandemia fez com que estudantes de graduação da modalidade presencial tivessem aulas virtuais, fato que transcende a escolha deles pela forma de oferta do ensino.

O presente artigo analisa percepções de estudantes que em 2020 estavam cursando a graduação na modalidade presencial, quanto às diferenças experimentadas em relação ao ensino virtualizado síncrono, mais especificamente durante o primeiro semestre de 2020. Destaca-se que o contexto de estudo se situa numa instituição de Ensino Superior, que trabalhou com o ensino virtualizado síncrono, ou seja, as aulas foram ministradas nos mesmos dias e horários das aulas presenciais, conduzidas pelo professor da disciplina que antes do início da pandemia estava trabalhando presencialmente. O professor foi o responsável pelas escolhas metodológicas, pela forma de uso dos recursos tecnológicos, pela elaboração de materiais didático-pedagógicos e pelo desenvolvimento do conteúdo, respeitando o plano de ensino da disciplina.

## 2. Ensino Superior e virtualização

Antes mesmo da pandemia da Covid-19, já se percebia o esforço para a ampliação do uso das tecnologias digitais no Ensino Superior. A partir de 2020, entretanto, elas se tornaram primordiais para auxiliar nos processos de ensino e de aprendizagem. Professores do ensino presencial tiveram que repensar suas metodologias de ensino, agora voltadas para o ensino virtualizado. Surgiu uma “nova sala de aula” e modificaram-se as formas de interação com os estudantes. Segundo Nogueira *et al.* (2020, p. 12), nesse momento de pandemia “a transição para o ensino remoto forçou os professores a se dedicarem ao planejamento de suas aulas, seja por insegurança com a tecnologia de interação, no caso de aulas síncronas, seja pela necessidade de gravar e editar as aulas, no caso de aulas assíncronas”.

O ensino virtual síncrono difere da EaD. Esta, de acordo com Costa e Sousa (2020), tem uma epistemologia que está sendo construída há muito mais tempo e integra diversos e distintos profissionais: *designer* instrucional, professor conteudista, tutor e gestor educacional. Além disso, não predomina o ensino síncrono, apesar de poder ocorrer em alguns momentos. Na EaD, os alunos têm maior flexibilidade para a definição de seus horários de estudo.

O ensino virtualizado síncrono, assim como a EaD, também dispensa o lugar físico, no qual todos estão presentes num mesmo espaço para participar da aula. Contudo, essa forma de ensinar e de aprender

se reconstrói por meio da sincronicidade. Lévy (2011) ressalta que a sincronização substitui a unidade de lugar e, a interconexão, a unidade de tempo, num movimento de desterritorialização. Para o autor, a virtualização é a essência das mutações em curso da nossa sociedade. Nesse sentido, argumenta que “antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a ela, proponho que se faça o esforço de aprender, de pensar, de compreender em toda a sua amplitude a virtualização” (LÉVY, 2011, p. 12).

Todavia, no ensino virtualizado, há de se olhar para a concepção de ensino que o sustenta, o que se relaciona com o uso que é feito das TDIC. O ensino virtualizado não deve ser apenas uma forma para dar conta dos conteúdos, alicerçado em um ensino transmissivo, no qual o estudante não participa da construção do conhecimento. Entendemos que o ensino virtualizado pode ser pautado em metodologias ativas.

As metodologias ativas, de acordo com Moran (2018, p. 04), “são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem de forma flexível, interligada e híbrida”. O professor assume o papel de orientador, questionando, motivando e auxiliando o aluno nas aprendizagens. Para despertar o protagonismo e promover o envolvimento direto, participativo e reflexivo em sua própria aprendizagem, o estudante é estimulado a experimentar e a criar, por meio de técnicas de ensino tais como: aprendizagem baseada em problemas ou projetos, uso de histórias e jogos, narrativas e aula invertida.

Em relação ao ensino híbrido, Moran (2015) reforça que este não pode ser reduzido ao *mix* do presencial e *on-line*, de sala de aula e de outros espaços ou mesmo ao mero uso de metodologias ativas, pois diz respeito a uma proposta curricular mais flexível, com tempos e espaços integrados, combinando momentos virtuais e presenciais. A fim de lograr êxito, torna-se necessário capacitar os professores para trabalharem nesse modelo, equilibrando as aprendizagens individuais e grupais dos estudantes.

### 3. Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa tem abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Os dados passaram também por uma análise quantitativa (percentuais e frequência) para auxiliar na análise qualitativa. De acordo com Casarin e Casarin (2012, p. 31), considerando os aspectos qualitativos e quantitativos, ressalta-se que um pode “complementar ou subsidiar o outro no momento da análise dos resultados obtidos”.

O *lócus* do estudo foi uma instituição de Ensino Superior do RS/BRA, que, no ano de 2020, promoveu a continuidade das aulas presenciais dos cursos de graduação, por meio de aulas virtualizadas desenvolvidas de forma síncrona. Mediante um questionário de dezesseis questões abertas e de múltipla escolha, foram coletadas informações sobre a experiência dos estudantes com o ensino não presencial, o uso de tecnologias digitais nas aulas virtualizadas, as diferenças ou os aspectos positivos e negativos que perceberam entre o ensino presencial e virtual, a satisfação com a aprendizagem e possibilidades de interação com colegas e professores. O questionário foi elaborado no aplicativo *Google Forms* e encaminhado via e-mail aos estudantes. O instrumento foi validado mediante o envio a três estudantes da mesma instituição, que lhe responderam e posteriormente foram excluídos da coleta dos dados.

De um total de 5.192 alunos matriculados na instituição, 245 estudantes (4,72%) responderam efetivamente ao questionário, contemplando os seguintes cursos: Enfermagem, Educação Física, Arquitetura, Engenharias, Administração, Ciências Contábeis, Pedagogia e Direito. A escolha dos cursos teve como critério incluir diferentes áreas do conhecimento. Buscou-se também contemplar estudantes vinculados tanto a cursos em que as aulas práticas são consideradas fundamentais para a aprendizagem procedimental, bem como àqueles em que as aprendizagens conceituais são predominantes. Essa escolha foi fundamental para a análise do processo de virtualização das aulas.

Após definir os cursos, foi realizado contato com os respectivos professores dos estudantes. Os com-

ponentes curriculares de primeiro semestre dos cursos de graduação não foram incluídos na seleção, uma vez que os discentes ingressantes tiveram apenas um mês de aulas presenciais antes da virtualização. Ficou sob a responsabilidade dos docentes o encaminhamento do *link* do questionário aos estudantes das disciplinas participantes. A adesão foi voluntária e a coleta das informações ocorreu no final do segundo bimestre letivo de 2020/A, período em que os estudantes já haviam experimentado no mínimo dois meses de aulas virtualizadas.

A partir das informações obtidas nos questionários, foi feita a análise textual discursiva, conforme proposta por Moraes e Galiuzzi (2016), a partir da elaboração de categorias emergentes que expressam as percepções dos estudantes quanto às diferenças entre o ensino presencial e o virtual. As categorias que emergiram foram: 1) interações pedagógicas e sociais; 2) relação teoria e prática; 3) espaço, tempo e infraestrutura. Além disso, também foi feita uma análise descritiva dos questionários, apresentando dados percentuais sobre as experiências anteriores dos estudantes com ensino não presencial, as principais TDIC utilizadas nas aulas e a frequência de respostas sobre os aspectos positivos e negativos das aulas virtuais.

Em relação aos cuidados éticos, todos os participantes autorizaram o uso das informações na pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, estando cientes dos objetivos da pesquisa, dos riscos e dos benefícios, assim como da garantia do sigilo do nome na divulgação dos resultados. Dessa forma, ao fazer uso das respostas, são utilizadas as expressões Estudante 1, Estudante 2... e assim por diante, para denominá-los. A instituição investigada também autorizou o estudo.

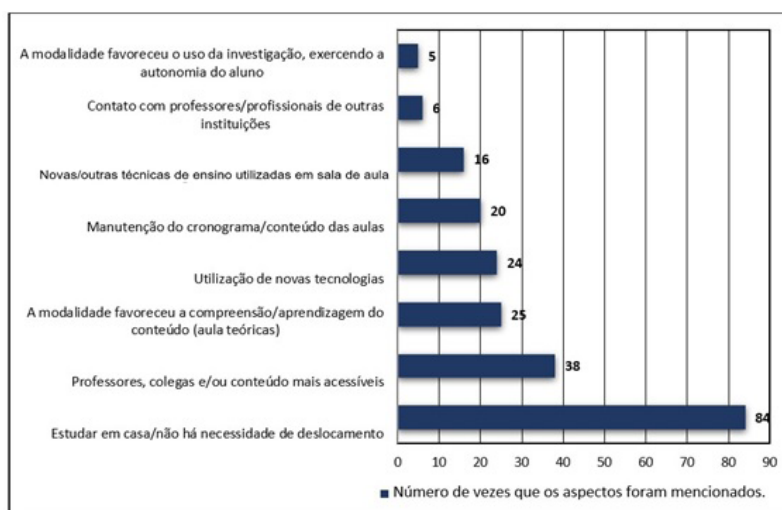
#### 4. Apresentação e discussão dos resultados

Iniciamos a apresentação dos resultados descrevendo informações que caracterizam os estudantes investigados. Uma questão que nos inquietou foi saber se eles já haviam tido aulas não presenciais antes do processo de virtualização vivenciado em 2020. Constatou-se, a partir do questionário, que 63,2% dos alunos participantes não tiveram essa experiência em nenhum nível de ensino, 21,4% a tiveram no Ensino Superior, 1,2%, na Educação Básica e 14,2%, em cursos de formação de curta duração. Portanto, a maioria dos estudantes não teve experiência de ensino com aulas não presenciais anteriormente à pandemia e pouquíssimos a tiveram na Educação Básica.

Quanto às tecnologias digitais utilizadas com maior frequência pelos acadêmicos nas aulas virtualizadas síncronas, evidenciou-se que o ensino ocorreu, principalmente, por meio do *Google Meet* (86%) e AVA, tais como o *Moodle* (32%) e o *Google Classroom* (30%), disponibilizados pela instituição. Também foram utilizados recursos digitais complementares como o *WhatsApp* (23%), o *Instagram* (6,1%) e o *Facebook* (3,2%). Ressalta-se que, nesta questão, os participantes tiveram a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa.

Anterior à pandemia, a instituição investigada já utilizava os AVA mencionados nos cursos presenciais. O *Google Meet* também foi utilizado no ensino remoto, possibilitando, por meio das videoconferências síncronas, a construção de uma sala de aula em que a possibilidade de diálogo entre professor e estudantes fosse mantida. Os encontros síncronos permitem, para Nogueira *et al.* (2020), que professor e estudantes estejam juntos, ao mesmo tempo, na sala virtual. Apesar de estarem fisicamente distantes, isso não os impede de construir conjuntamente o conhecimento, por meio de discussões aprofundadas, interações com a turma, atividades em grupo, etc.

Considerando o número de respondentes, 245 estudantes, sistematizamos em gráficos as respostas das questões abertas quanto aos aspectos positivos e negativos da virtualização do ensino. No Gráfico 1, evidencia-se que os principais aspectos positivos se remetem ao fato de o estudante poder ficar em casa e não precisar deslocar-se até a universidade. Foi ressaltada ainda a possibilidade de acessar os conteúdos das aulas e manter contato com os colegas através das tecnologias digitais.



**Gráfico 1:** Percepções dos estudantes quanto aos aspectos positivos da virtualização das aulas.

**Fonte:** Dos autores.

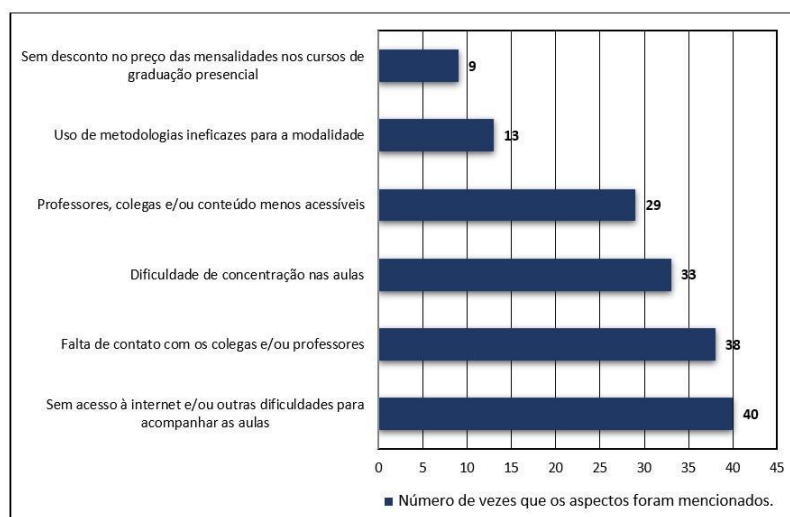
Novas ou diferentes técnicas de ensino, além daquelas experimentadas no regime presencial, foram pouco mencionadas. Por novas técnicas de ensino entendem-se aquelas que não eram utilizadas no ensino presencial. Por exemplo, uma aula expositiva realizada no *Google Meet* não pode ser considerada uma nova técnica, pois não inova em relação a uma aula expositiva presencial. Contudo, a construção coletiva de um texto no *Google Drive* ou a produção de vídeos pelos estudantes (NEUENFELDT, 2020) podem, nesse contexto, ser consideradas novas estratégias de ensino.

As citações que destacam o ensino virtual que promoveu a investigação são apenas cinco. Percebe-se com isso uma baixa autonomia do aluno. Isso nos permite dizer que as tecnologias digitais por si só não são potencializadoras de metodologias ativas e podem, no ensino virtual, apenas levar à reprodução de um ensino tradicional, que continua centrado no professor e na formação de alunos passivos frente à própria aprendizagem. Portanto, existe uma necessidade de ampliar o uso de tecnologias digitais no ensino, para além do repasse de informações, a fim de que os estudantes percebam nelas uma possibilidade promissora de aprender ativamente.

Como exemplos do potencial das tecnologias digitais para o desenvolvimento de metodologias ativas, destacamos as técnicas de ensino como aprendizagem baseada em problemas, projetos ou narrativas (MORAN, 2018). Podemos ainda acrescentar a experiência de Mendonça (2018) na Educação Básica, com a construção de jogos (gamificação) e o uso de realidade aumentada em espaços de criação digital. Porém, entende-se que a tônica das aulas por meio do ensino virtualizado, no momento da pesquisa, esteve em dar continuidade às aulas. Poucos estudantes identificaram na metodologia de ensino, uma grande preocupação em relação ao uso das tecnologias digitais para o desenvolvimento de suas habilidades de investigação e autonomia.

Ao analisarmos os aspectos negativos do ensino virtualizado síncrono (Gráfico 2), constatamos que a principal dificuldade dos estudantes foi em relação ao acesso a uma internet de qualidade, que lhes permitisse acompanhar as aulas e desenvolver as atividades propostas de forma síncrona. Apesar de vivermos em uma sociedade dominada pelas tecnologias digitais, as respostas à pesquisa ressaltaram que as condições de acesso à rede não são as mesmas para todos os educandos. Não ter acesso a uma internet estável, portanto, constitui-se como uma barreira que dificulta a aprendizagem e a interação com professores e colegas nas aulas. Nesse contexto, percebeu-se a necessidade dos estudantes terem conectividade de qualidade. A dificuldade de acesso às tecnologias digitais e à *Internet*, conforme estudos como os de Godoi *et al.* (2021) e Santos *et al.* (2021), foi um dos principais desafios apontados por professores no desenvolvimento de aulas mediadas pelas TDIC.





**Gráfico 2:** Percepções dos estudantes quanto aos aspectos negativos da virtualização das aulas

**Fonte:** Dos autores.

Constatou-se que o ensino virtualizado síncrono tem potencialidades, permitindo o acesso às aulas de diferentes lugares. Entretanto, diferenças entre o ensino virtualizado e o presencial foram evidenciadas. Há, por exemplo, o fato de haver limitações nas aprendizagens que se dão através do corpo, seja pela exploração dos sentidos ou pela interação direta com colegas e professores. Conforme Serres (2001, p. 314), o corpo interage com o mundo na sua totalidade, por meio de todos os sentidos que se fazem presentes concomitantemente. Por isso “a mente vê, a linguagem vê, o corpo visita”. Noutras palavras, o corpo apreende o mundo na sua complexidade: cheira uma rosa e mil odores no seu entorno e, ao mesmo tempo, experimenta o mundo pelos demais sentidos, sem conseguir isolar-se, como na linguagem e no pensamento. Assim, entende-se que nem tudo pode ser virtualizado.

Nesse contexto, também queremos tratar de aspectos menos mencionados nas respostas ao questionário. Apenas nove dos discentes participantes entenderam que, devido à virtualização das aulas presenciais, deveria haver desconto na mensalidade. Essa discussão nos remete a algumas problematizações: considerando que 63,2% dos estudantes nunca experimentaram aulas não presenciais, será que, em suas percepções, o ensino virtualizado síncrono é associado ao EaD? Nesse sentido, há de se esclarecer que o ensino virtualizado síncrono conta, diferentemente do EaD, com a participação do professor da disciplina durante 100% do período letivo. Consequentemente, o professor mantém sua autonomia docente, podendo selecionar e produzir seu próprio material didático-pedagógico tal como no ensino presencial.

Além das informações já apresentadas, na sequência, destacamos as categorias que emergiram das respostas às questões abertas dadas pelos estudantes, especialmente quanto às suas percepções a respeito do ensino virtual, discutindo as diferenças em relação às aulas presenciais que já haviam vivenciado.

#### 4.1 Interações pedagógicas e sociais

A partir das percepções dos estudantes, a universidade é vista como um lugar onde trocas acontecem, não sendo limitada ao espaço da sala de aula. É o que nos expõe o Estudante 1: “A troca de experiências com pessoas na Universidade é algo muito importante e que faz bastante falta”. O estudante quer estar na universidade e conviver presencialmente com seus colegas e professores, questão apontada por quem já experimentou aulas presenciais. A falta do ambiente universitário mencionada pelo Estudante 1 é também sentida por outro respondente: “A principal diferença que percebi foi por não ter o contato presencial com colegas e professores e não haver muita troca de conversas” (Estudante 2).

Contudo, o Estudante 3 observou que há colegas que interagem mais nas aulas virtuais do que nas presenciais:

Na aula presencial, quase nenhum aluno interage ou tira dúvidas, porém no virtual vi que as pessoas interagem muito mais, participando e fazendo diversos questionamentos, coisa que me espantou, pois vi colegas que eram mudos na sala interagindo bastante (Estudante 3).

Dessa forma, evidencia-se que há estudantes que sentem falta da presencialidade, enquanto outros, por meio de videoconferências no *Meet* e de chats, promovidos durante as aulas virtualizadas síncronas, participam ativamente, dialogando, questionando e interagindo mais do que o fariam nas aulas presenciais. Destaca-se, porém, que a participação ativa desses estudantes no ensino presencial também precisa ser estimulada. Além disso, o uso de diferentes técnicas de ensino, seja no ensino presencial ou virtual, possibilita modos diferentes de interagir na aula. Aprendemos de diferentes maneiras, o que nos remete ao conceito de ensino híbrido, pautado em uma Educação híbrida, ou seja, aberta à diversidade de formas de ensinar e aprender, na qual a aprendizagem é um processo contínuo, que ocorre por meio de diferentes metodologias de ensino e em diferentes espaços (MORAN, 2015; BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015).

Tratando-se do ensino virtual síncrono, os alunos destacaram a importância da participação de professores e profissionais de outras instituições, assim como da interação entre estudantes, professores e colegas, conforme resposta abaixo:

Muitos professores têm trazido profissionais já formados para dentro das aulas virtualizadas, como uma forma de troca de experiências. Isso tem sido muito enriquecedor, pois às vezes tais oportunidades presenciais não são tão frequentes (Estudante 4).

Percebi maior interação com trabalhos realizados pelos meus colegas (Estudante 5).

Professor mais disponível através do *Meet* e *e-mail* para sanar dúvidas (Estudante 6).

De acordo com Santos (2011, p. 311), “apesar de sua concretude inquestionável, o ciberespaço ou espaço virtual é o ambiente imaterial constituído pelos milhões de pessoas - e não de computadores - de todo o mundo, interligados em rede por meio da internet”. É nesse espaço que novas manifestações sociais ocorrem e evoluem, não tendo como negar a sua presença na vida das pessoas, assim como das TDIC. Não há como o Ensino Superior ignorar essa realidade social e não explorar esse potencial para a construção e socialização do conhecimento. Dessa forma, as videoconferências, tais como *lives*, *webinars* e encontros no *Google Meet*, mostraram que a conexão digital é uma realidade possível no âmbito do ensino.

## 4.2 Relação teoria/prática

Em relação às aulas teóricas, os estudantes perceberam que o ensino virtualizado tem um direcionamento ao tema e ao conteúdo mais efetivo que nas aulas presenciais. No entanto, é necessária uma atitude ativa no estudo por parte dos graduandos, para além do momento da aula, conforme relataram os estudantes:

Aulas mais produtivas, diretas ao assunto de interesse, enorme economia de tempo (Estudante 7)



Sou mais produtivo em aulas virtualizadas e consigo focar mais, me sinto mais confortável, já que estou na minha casa e sei pesquisar informações, quando necessário, sozinho para completar o material disponibilizado pelo professor (Estudante 8).

O Estudante 8 destaca que sua casa é um lugar confortável e em condições para complementar o estudo com pesquisas adicionais ao material disponibilizado pelo professor. Demonstra, ainda, uma atitude ativa, assumindo o protagonismo frente ao estudo.

Quanto às aulas práticas, os discentes perceberam que, presencialmente, essas atividades são mais bem desenvolvidas, conforme respostas a seguir:

Nas aulas presenciais é possível realizarmos mais atividades, principalmente, práticas (Estudante 9).

Aulas presenciais acabam por nos chamarem mais atenção e serem mais “práticas”. Além de termos uma maior troca com os colegas e professores (Estudante 10).

A pandemia mostrou que também precisamos da proximidade física com o outro e da troca de afetos, mesmo estando limitados por uma necessidade de distanciamento social enquanto medida de proteção à saúde. Nessa situação, usando as palavras de Le Breton (2013), nos damos conta que somos muito mais do que razão: somos carne também. Não podemos esquecer que somos corpo. O esquecimento do corpo na vida cotidiana ignora que a relação do ser humano com o mundo é essencialmente física e sensorial, que aprendemos na relação com o outro e pelo corpo, argumenta o autor.

Conforme Santos (2011), não podemos desconsiderar as particularidades do ensino virtual. Há, sobretudo, duas dificuldades na identificação de estratégias pedagógicas condizentes com a natureza do ambiente educativo proporcionado pela sala de aula virtual. Uma delas trata da maleabilidade do meio virtual em si, no qual as tecnologias são simples ferramentas inertes. Nesse contexto, o desempenho depende do professor. A outra diz respeito às condições de trabalho pedagógico, num espaço qualitativamente desigual, apesar de ser virtual, interativo, hipertextual e dinâmico.

### 4.3 Espaço, tempo e infraestrutura

O ensino virtualizado exige disciplina do estudante para o acompanhamento das aulas. Poucas residências são projetadas para favorecer a concentração nos estudos e nem todos os estudantes dispõem de um espaço individualizado para tal. Todavia, mesmo que a presença física numa sala de aula na universidade possa auxiliar a manter o foco no estudo, o conforto do lar e o ganho do tempo antes despendido para deslocar-se até a universidade são apontados como diferenciais no ensino virtual:

Não estamos tão cansados para assistir as aulas, pois não estamos mais na correria do dia a dia (Estudante 11).

Nas aulas presenciais, a facilidade de se concentrar pode ser maior, pois é um espaço somente para estudo (Estudante 12).

Por outro lado, embora não haja no ensino virtualizado a perda de tempo com deslocamento, podem ocorrer situações nas quais se perde a conexão com a *internet*, comprometendo o acompanhamento das aulas:

Nas aulas virtuais, há uma perda de tempo bem grande em relação aos problemas de conexão das tecnologias utilizadas. Ex.: *internet*, aplicativos [...] (Estudante 13).

Aulas virtualizadas são, em alguns casos, mais demoradas e menos produtivas, pelo fato de nem todos possuírem internet boa (Estudante 14).

Santinello, Costa e Santos (2020, p. 08) destacam que a área educacional deve estar atenta para as potencialidades das tecnologias digitais, “produzindo conhecimento nesses novos tempos com um olhar voltado à compreensão de que a cibercultura e a cultura digital nos apresentam uma realidade em que somos responsáveis, como educadores, por repensar as inovações para o campo da educação”. Entre as responsabilidades dos professores mencionadas pelos autores, destaca-se a necessidade de “compreender que o processo de virtualização pode ser utilizado, também, como um aporte pedagógico para uma educação emancipadora, autônoma, crítica, colaborativa e cooperativa (SANTINELLO; COSTA; SANTOS, 2020, p. 16).

Para Lévy (2011), o mesmo movimento que torna descontínuo o espaço-tempo normal, abre novos meios inéditos de interação e de ritmo da cronologia. Anterior à análise da propriedade capital da virtualização, compete-nos, antes de tudo, evidenciar a pluralidade dos tempos e dos espaços. “Assim a subjetividade, a significação e a pertinência entram em jogo, não se pode mais considerar uma única extensão ou uma cronologia uniforme, mas uma quantidade de tipos de espacialidade e de duração” (LÉVY, 2011, p. 22).

Por fim, quando refletimos sobre a sociedade atual, deparamo-nos com uma cultura digital que proporciona uma forma diferenciada de compreender o mundo e as noções de tempo e espaço (SANTINELLO; COSTA; SANTOS, 2020). Nesse caso, a vida demonstra-se constituída de acessos rápidos, de conexões diversas e de possibilidades múltiplas de saberes. Dessa cibercultura emerge um sujeito social que interage de forma virtualizada com a realidade - o que não significa que ele esteja sozinho ou individualizado.

## 5. Considerações Finais

A partir dos resultados da pesquisa, evidenciou-se que, antes da pandemia, 63,2% dos estudantes nunca haviam tido aulas não presenciais ou algum tipo de formação mediada pelas tecnologias digitais. O ensino virtualizado síncrono foi a primeira experiência nessa forma de aprender, permitindo que os alunos construíssem ou ampliassem suas percepções sobre o ensino virtual.

Na percepção dos estudantes, os conhecimentos teóricos são mais favoráveis ao ensino virtual, enquanto as aprendizagens procedimentais (práticas em laboratórios de ensino, por exemplo) e que necessitam da interação física com colegas e professores, são mais adequadas ao ensino presencial. Além disso, consideram indispensáveis momentos de convivência e socialização que ocorrem no ambiente físico da universidade.

Os estudantes também mencionaram que o ensino virtualizado exige uma postura ativa e estimula a sua autonomia, principalmente para buscar mais informações e conhecimentos além dos desenvolvidos na aula. Contudo, o uso das tecnologias digitais para a investigação e para o desenvolvimento da autonomia dos alunos ainda precisa ser ampliado e articulado com estudos sobre metodologias ativas de ensino, considerando que poucos estudantes perceberam essa intenção nas aulas virtuais síncronas.

Quanto ao espaço físico, o ensino virtualizado síncrono permite estudar em casa. No entanto, nem todos possuem um local adequado que propicie a privacidade necessária para acompanhar as aulas de modo síncrono, mantendo o devido distanciamento, mesmo dentro do contexto familiar. Além disso, o ensino virtual síncrono necessita de equipamentos adequados e de boa conexão de *internet*. Sem essas condições, o ensino e a aprendizagem ficam comprometidos.

A pesquisa evidenciou que, percebidas as diferenças entre o ensino presencial e virtualizado pelos estudantes, o ensino híbrido se apresenta como profícuo e que pode articular no Ensino Superior essas duas modalidades. Contudo, é necessário aprofundar os estudos sobre o acesso às tecnologias digitais e ambiente de estudo adequado fora da universidade. Sem essas condições, o ensino híbrido também pode ser insuficiente e excludente.

Destaca-se que ainda há muito para avançar nos estudos sobre ensino presencial e virtual, sendo uma das possibilidades investigar a percepção dos professores sobre o ensino não presencial, experimentado no período de pandemia de Covid-19. Desse modo, seria possível conhecermos aprendizagens didático-pedagógicas que foram experimentadas e que podem ser incorporadas ao ensino presencial, pois se entende que vivemos numa sociedade na qual as TDIC efetivamente fazem parte do cotidiano da maioria dos estudantes e professores.

## Referências

- BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. Ensino Híbrido: personalização na educação. In.: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 47-65.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Portaria N° 2.117, de 6 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância - EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior - IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.117-de-6-de-dezembro-de-2019-232670913>. Acesso em: 03 de set. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria n° 544, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - COVID-19, e revoga as **Portarias MEC n° 343, de 17 de março de 2020**, n° 345, de 19 de março de 2020, e n° 473, de 12 de maio de 2020. Diário Oficial [da] União, ed. 114, seção 1, p. 62, Brasília, DF, 17 de jun. 2020.
- CASARIN, H. de C. S.; CASARIN, S. J. **Pesquisa científica: da teoria à prática**. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- COSTA, M. R. M.; SOUSA, J. C. Educação a Distância e Universidade Aberta do Brasil: reflexões e possibilidades para o futuro pós-pandemia. **Revista Thema**, vol. 18, edição especial Covid-19, p. 124-135. 2020. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1832>. Acesso em: 06 maio 2021.
- GODOI, M. *et al.* As práticas do ensino remoto emergencial de educação física em escolas públicas durante a pandemia de COVID-19: REINVENÇÃO E DESIGUALDADE. **Revista Prática Docente**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. e012, 2021. DOI: 10.23926/RPD.2021.v6.n1.e012.id995. Disponível em: <http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/995>. Acesso em: 23 set. 2021.
- KUCHARSKI, A. J. *et al.* Early. Dynamics of transmission and control of COVID-19: a mathematical modelling study. **Lancet Infect Dis**. v. 10, p. 553-558, mar. 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S1473-3099\(20\)30144-4](https://doi.org/10.1016/S1473-3099(20)30144-4)
- LE BRETON. D. **Adeus ao corpo**. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- LÉVY, P. **O que é o virtual**. 2 ed. São Paulo: 2011.

- MENDONÇA, H. A. Construção de jogos e uso de realidade aumentada em espaços de criação digital na educação básica. In: BACICH, Lilian.; MORAN, José. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 106-127.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise Textual Discursiva**. 3 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2016.
- MORAN, J. M. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A. de; MORALES, O. E. T. (Org.). **Coleção Mídias Contemporâneas - Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Vol. II. PG: Foca-Foto-PROEX/UEPG. 2015. p. 15-33. Disponível em: <http://uepgfocafoto.wordpress.com>. Acesso em: 05 mai. 2021.
- MORAN, J. M. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In.: MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In.: BACICH, L.; MORAN, J. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 1-25.
- NEUENFELDT, A. E. *et al.* Ensino virtualizado e as implicações na docência durante a pandemia de covid-19. In: III Congresso Internacional de Diálogos Interdisciplinares: comunicação digital e futuros possíveis. v. 3, 2021. Novo Hamburgo, RS. **Anais...** Novo Hamburgo, RS: 2021. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/dfac4ef3-4ccc-43ba-9707-25a1ffa34add/CIDI%202021.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.
- NEUENFELDT, A. E. **Produção de Vídeos Como Objetos Digitais de Ensino e de Aprendizagem Potencialmente Significativos (ODEAPSs) nas Ciências Exatas: limites e possibilidades**. 2020. Monografia (Doutorado) – Curso de Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 06 mar. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/2843>. Acesso em: 22 nov. 2020.
- NHANTUMBO, T. L. Capacidade de resposta das instituições educacionais no processo de ensino-aprendizagem face à pandemia de Covid-19: impasses e desafios. **Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente**, Humaitá, v. 25 n. 2, p. 556-571, jul./dez.2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/7851/5535>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- NOGUEIRA, D. R. *et al.* E agora, José? Metodologias em tempos de crise: ventos da mudança ou tsunami on-line. In: NOGUEIRA, D. R. et al (Org.). **Revolucionando a sala de aula: novas metodologias ainda mais ativas**. 1. ed. v. 2. São Paulo: Atlas, 2020. p. 1-22.
- SANTINELLO, J.; COSTA, M. L. F.; SANTOS, R. O; dos. A virtualização do Ensino Superior: reflexões sobre políticas públicas e Educação Híbrida. **Educar em Revista**. Curitiba. vol. 36, e76042, p. 1-20, dezembro, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602020000100603](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602020000100603) Acesso em: 22 abr. 2021.
- SANTOS, A. G. B. DOS. *et al.* Diagnóstico das Aulas de Educação Física no Estado do Rio Grande Do Sul Durante a Pandemia da Covid-19. **EaD em Foco**, v. 11, n. 2, 27 abr. 2021. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1300>. Acesso em: 23 set. 2021.
- SANTOS, G. L. DOS. Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 307-320, agosto, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022011000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000200007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 fev. 2021.
- SERRES, M. **Os cinco sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- WHO. **Recomendações sobre o uso de máscaras no contexto da COVID-19**. 5 de junho de 2020. World Health Organization. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332293/WHO-2019-nCov-IPC\\_Masks-2020.4-por.pdf](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332293/WHO-2019-nCov-IPC_Masks-2020.4-por.pdf). Acesso em: 5 jul. 2021.